

PERSONALIDADE

O sonho das flores raras

Cláudio Villas-Bôas salvou vidas e transmitiu alguma segurança aos índios

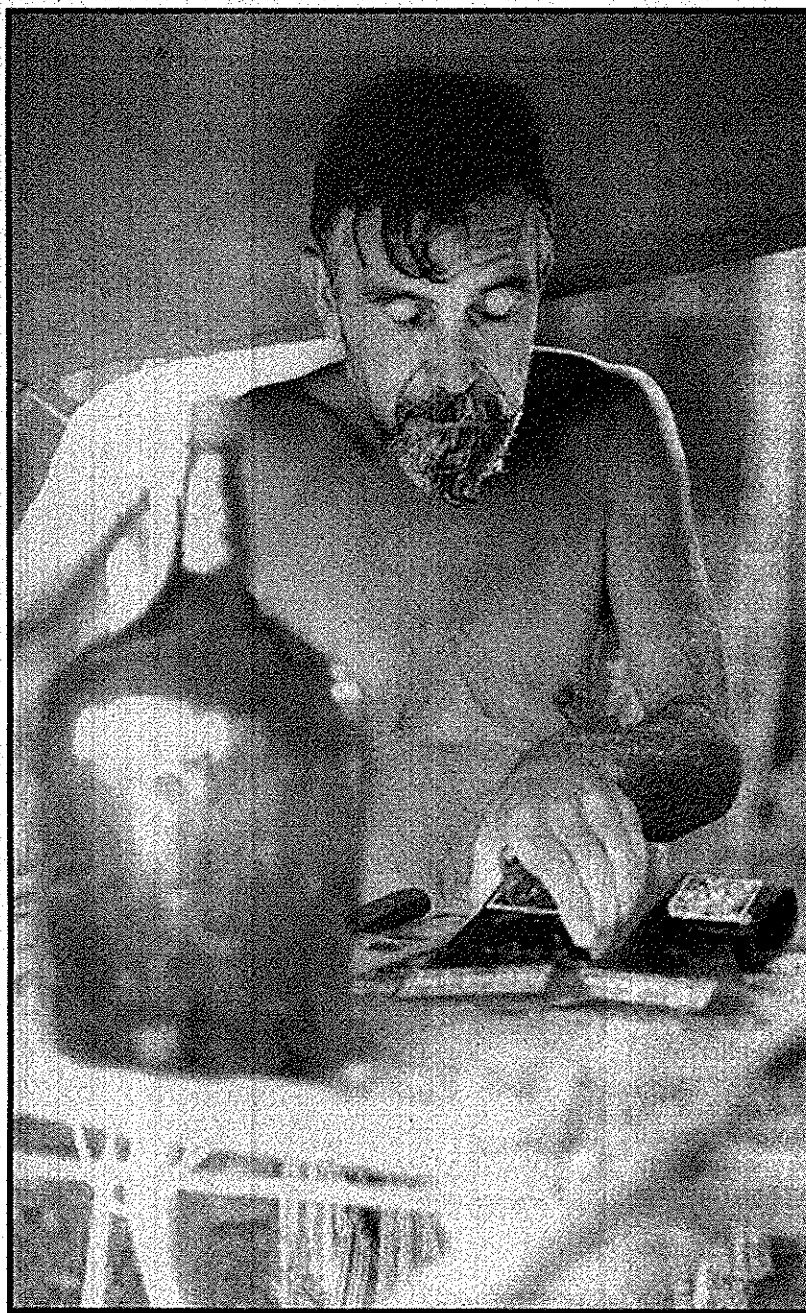
The Economist

Às vezes Cláudio Villas-Bôas olhava para o outro lado do rio Araguaia e pensava na terra adiante. O rio separava o Brasil do desconhecido. Na América do Norte os pioneiros também olharam para o Oeste com o mesmo misto de anseio e presságio. Mas as planícies americanas foram relativamente acessíveis. O Oeste brasileiro que Villas-Bôas contemplava era uma região quase impenetrável, à qual os colonizadores portugueses deram o nome de Mato Grosso.

Alguns homens corajosos, ou tolos, tinham entrado nas florestas. Na década de 1920, o coronel Percy Fawcett, tendo sobrevivido aos campos de batalha da França, decidiu sair em busca do que ele acreditava ser os resquícios de uma civilização desconhecida. Nunca retornou. Mineradores de ouro e diamante tiveram mais sorte, trabalhando em locais próximos aos rios. Alguns poucos missionários, otimistas, entraram nas matas com suas bíblias. A região do Amazonas, que não tem quedas de água ou outros obstáculos, comportava embarcações relativamente grandes até bem no interior da floresta. Mas Mato Grosso, uma área do tamanho da França e da Alemanha juntas, permaneceu em grande parte inexplorado. Em 1943 o Brasil decidiu que a situação precisava acabar. Era uma afronta a Getúlio Vargas, o ditador do Brasil, o fato de o maior país da América do Sul não utilizar uma enorme faixa de seu território.

Para começar, o Exército planejou abrir uma estrada de mil quilômetros dentro da área. Cláudio Villas-Bôas conversou com seus irmãos Orlando e Leonardo sobre a expedição e foram se juntar a ela. Apesar de os irmãos Villas-Bôas terem sido aplaudidos por seus trabalhos ainda em vida, parece que tiveram uma juventude bastante desnorteada. Aqui estavam eles, sem rumo certo, na maior parte do tempo vivendo à custa do pai, um advogado bem-sucedido. O Exército relutava em levá-los junto, mas os voluntários para ir ao Mato Grosso eram escassos, e os Villas-Bôas ao menos tinham entusiasmo.

As florestas do Brasil normalmente são úmidas ou muito úmidas. Às vezes os rios sobem repentinamente e os peixes nadam dentro das florestas em busca de frutas silvestres e os golfinhos vão no encaixo dos peixes.



As florestas são muito quentes e cheias de criaturas que picam, mordem ou sugam. Contudo, como os irmãos Villas-Bôas descobriram, as pessoas podiam viver lá, aparentemente satisfeitas. Eles localizaram 21 assentamentos, cada um com sua própria cultura e língua. O que começara para os irmãos como uma aventura transformou-se em uma campanha para salvar o povo da floresta.

Os "índios", como os povos nativos (tanto da América do Norte como do Sul) passaram a ser chamados erroneamente, eram no início bem pouco amistosos com os irmãos Villas-Bôas. Estes eram inva-

sores de um mundo alienígena que, segundo a mitologia nativa, tinha escravizado seus ancestrais: isso era o motivo de terem optado pelo santuário da floresta. O termo "alienígena" era bastante apropriado: a primeira visão que os índios tiveram dos irmãos, ou mesmo de qualquer homem branco, poderia ter ocorrido quando saltaram de pára-quedas para uma clareira a fim de preparar uma pista de pouso.

Mas, apesar de haver hostilidade, não foi travada nenhuma grande batalha violenta, como no Norte, ao longo do século XIX. Cláudio, um homem sereno e contem-

plativo, parecia ter empatia com os índios, e aprendeu o suficiente das línguas nativas para convencê-los de que, apesar de ser um invasor branco, não ia matá-los. Os índios, no entanto, estavam morrendo por causa das doenças dos brancos quando a rodovia Transamazônica abriu a região. Enormes faixas de floresta foram desmatadas e agricultores, madeireiros e fábricas estavam ocupando a área.

Choque

Quanto aos índios, o governo tinha uma vaga idéia de que os sobreviventes poderiam encontrar emprego como trabalhadores braçais no campo ou na indústria. Os irmãos Villas-Bôas acharam que os índios mereciam algo melhor. Para atenuar o choque da invasão branca, eles não poderiam ter pelo menos seu próprio pedaço de território protegido? Durante cerca de 20 anos, Cláudio e Orlando tentaram convencer o governo a fornecer tal área de reserva e, em 1961, para a surpresa de todos, concordou. O Parque Nacional do Xingu se estende por uma área de 16 mil quilômetros quadrados ao longo do rio Xingu. Cerca de 4 mil índios deslocados passaram a confiar o suficiente nos irmãos para experimentar viver na reserva. Existem disputas de território entre as 18 tribos, e o Xingu está se tornando um esgoto. Às vezes ocorrem lutas entre índios e garimpeiros ilegais. Mas a vida na reserva, de qualquer modo, é provavelmente limitada, já que os índios jovens sofrem a tentação de viver além da floresta. Cláudio admitiu que sua ambição anterior não era realista: a de preservar a cultura do índio da floresta como se fosse uma flor rara. A cultura índia "é corrompida pelo contato com os estranhos civilizados", disse ele.

Entretanto, Cláudio Villas-Bôas salvou algumas vidas, e restabeleceu certa sensação de segurança para comunidades que enfrentavam o desastre. Ele poderia ter achado graça porque, ao fazer campanha pelos índios, atraiu indiretamente a atenção para a importância da Amazônia. Verificou-se que as grandes florestas lançam muito oxigênio para a atmosfera do mundo. Nas cidades poluídas do Ocidente, o alarme foi dado, embora, talvez, não seja tanto sobre o destino dos índios. Mas, se as florestas acabarem, o que será do nosso ar? ■